

# Diversão & Arte

**O DIABO VESTE PRADA 2**, COM **MERYL STREEP**, TRAZ A CONTINUAÇÃO DO SUCESSO DE 2006, COM PERSONAGENS EM CRISES PESSOAIS E PROFISSIONAIS. CARREIRA DO CRAQUE ZICO É TEMA DO DOCUMENTÁRIO **O SAMURAI DE QUINTINO**

## TIMES QUE GANHAM

» RICARDO DAEHN

Reutilizar as peças de roupa guardadas no armário para usar de novo, e promover contínuas saias-justas entre uma gama de personagens, que irão se engalfinhar, mas sem descer do salto. Essa missão coube ao diretor David Frankel, o mesmo do primeiro longa *O diabo veste Prada* que, passados 20 anos, ganha continuação. “O fato de o primeiro filme continuar sendo referenciado (em falas do público), duas décadas depois, nos deu muita confiança, disse o diretor, em entrevista ao *New York Times*: “Enquanto o primeiro filme era um romance de formação, no qual uma jovem está aprendendo quem ela é no mundo; a sequência é sobre uma mulher madura encarando a realidade de todas as escolhas que fez em sua vida”.

Baseado nos personagens do romance de Lauren Weisberger, escritora quase cinquentona e ampla conhecedora dos bastidores do, por vezes, superficial mundo da moda, *O diabo veste Prada 2* traz ótima direção de fotografia do alemão Florian Ballhaus (o mesmo da série *Divergente*), além de vistosa direção de arte de Christopher J. Morris (de *Um completo desconhecido*). Mas o maior charme segue no peso do elenco dos sonhos: Meryl Streep, Anne Hathaway, Stanley Tucci e Emily Blunt. “Quando o primeiro longa foi lançado, houve o sucesso estrondoso,

e aconteceu aquela coisa de, de repente, você receber um monte de roteiros e pensar: “Nossa, são todos do mesmo personagem”, disse Hathaway ao *The New York Times*. Nisso, não há tanta carga de repetecito e situações re-quentadas, pela ótica do diretor, que viu novamente delineada a carga vilanesca da icônica Miranda Priestly, encarnada por Streep.

“A personagem parece mais insegura do que no primeiro filme, mas ela continua astuta e perspicaz, superando todos desafios”, defendeu David Frankel. Fragilizada, até mesmo num ambiente mais doméstico (ao lado marido, papel de Kenneth Branagh), Miranda enfrenta a era em que, mesmo defendendo a “expressão artística” na redoma da moda, percebe a chegada da ameaçadora Inteligência Artificial, que pode retaliar o campo das modelos das passarelas, das locações dos editoriais de moda e do trabalho dos designers. Depois de um catastrófico evento para a revista *Runway*, com o CEO enfurecido (personagem de Tibor Feldman), o mundo da alta-costura dependerá de Andy Sachs (Hathaway).

### Absoluta elegância

Ao *ABC News digital*, Streep — sinônimo de austeridade e elegância, no filme — pontuou: “O filme fala do que você está disposto a fazer para progredir e como você negocia com

a sua consciência sobre até onde você vai chegar, e ainda como talvez você não queira fazer isso”. Sob a alcunha de “dinossauro”, Miranda, em tempos politicamente engessados, teve que se reinventar, especialmente depois de reclamações feitas no setor de Recursos Humanos da revista. Mas, segue disparando impropérios, como chamar algumas modelos de “cabras famintas”, e aludir a dependentes químicos como “viciados”.

Num filme que traz críticas aos jovens atuais, capazes de abraçar comportamentos que incorrem em “calamidade pública”, há espaço para coadjuvantes de luxo, como uma executiva da Dior interpretada pela mesma assistente de Miranda, no



Walt Disney/ Divulgação

de Bre-  
ra (em  
Milão),  
além de ser-  
vir como contra-  
peso para a exótica pre-  
sença de Benji Barnes (Justin  
Theroux), que retrata a mediocri-  
dade de alguns novos ricos, na era  
da comunicação em que, no filme, o  
conteúdo publicado nos meios digi-  
tais é destacado como para ser “lido,  
enquanto (o leitor) faz xixi”.

Numa realidade de penúria para a revista *Runway*, que receberá a visita de “agentes funerários” (a equipe disposta a reformular a companhia de moda), ainda recebe destaque a personagem Amari (Simone Ashley), achatada pela prepotência de Miranda que, sim, se assume “exigente e autoritária”.

passado, Emily Blunt. No mundo das aparências, ela preza por beleza e design, e impulsiona frivolidades como distinguir o tom de uma tinta de parede como “sussurro de tulipa”. Ciente da demissão coletiva de uma publicação, fato que colocou a jornalista Andy no mercado novamente, o fiel escudeiro de Miranda, Nigel, novamente conta com o talento de Stanley Tucci. Ele é vital para um evento desenvolvido pela *Runway*, in loco, na Academia de Belas Artes

## SIM, ZICO MERECE UM FILME



Peter Virete/ Divulgação

» MARCELO AGNER

No dicionário rubro-negro, o F e o Z são as letras mais importantes do alfabeto. Partindo dessa premissa, o Flamengo é o mundo e Zico um ser humano com dimensões quase divinas... Os mais velhos idolatram o camisa 10, enquanto os mais jovens, das gerações digitais, aprenderam a respeitá-lo. Mas, para quem não é flamenguista, Zico é contestável. Apesar dos

seus feitos, poucos o colocam na prateleira de craques como Pelé, Garrincha e Didi, embora haja admiração pela figura. Ocorre que o Flamengo tem pelo menos 40 milhões de torcedores. É muita gente! Tentando um equilíbrio diante desse quadro “polarizado”, o filme *Zico, o Samurai de Quintino* estreia nos cinemas para mostrar a trajetória de um importante personagem do esporte brasileiro.

Em pouco mais de 1 hora e 40 minutos, o diretor João Wainer conta a história de Arthur Antunes de Coimbra, o Zico, desde a infância no subúrbio de Quintino, no Rio de Janeiro, até os dias atuais, quando o ex-jogador, aos 73 anos, divide o tempo com a família e a administração das empresas. Depoimentos de Ronaldo Fenômeno, Parreira, Júnior e jornalistas que acompanharam a carreira do craque intercalam imagens de gols e conquistas de títulos, desde os anos 1970. Mas o documentário resgata momentos importantes do futebol brasileiro, como as Copas de 1978, 1982 e 1986, e aborda temas como a influência da ditadura no esporte e a perseguição e prisão de um irmão do jogador pelos militares.

A exaltação de títulos e o desfile de gols são a linha condutora do documentário, mas a vida pessoal de Zico, marcada pela forte presença dos pais — imigrantes portugueses que criaram os filhos com dignidade no Rio, colocando a educação em primeiro plano — e pela figura forte e determinada da esposa Sandra, parceira desde a adolescência, são destaques do filme. Há também dramas bem abordados, como o corte da Seleção Olímpica em 1972, a transferência conturbada para a Itália em 1983, a brutal lesão provocada pela brutal agressão

do zagueiro Márcio Nunes (Bangu), em 1985, e a perda do pênalti contra a França na Copa do México, em 1986 — fato lembrado por Zico, mas principalmente por todos aqueles que questionam sua carreira vitoriosa. Zico venceu estaduais, brasileiros, Libertadores e um Mundial de Clubes, com uma vitória épica sobre o Liverpool, mas Zico nunca ergueu uma Copa do Mundo.

Imagens de Zico lendo jornais na concentração, da coleção de recortes de reportagens feita por Sandra, de uma entrevista a TV dentro de campo — sim, o repórter foi expulso pelo árbitro! — e do jogador admitindo que lavava seus uniformes no Japão podem parecer estranhas aos mais jovens, mas dão a dimensão de um personagem que, mesmo com a grandeza de um ídolo, viveu uma época bem diferente do badalado e bilionário futebol de hoje. Para se ter uma ideia, a negociação entre Flamengo e Udinese, da Itália, para a venda do meia atacante girou, em torno de US\$ 2 milhões, valor irrisório no mercado moderno.

Chama atenção também o amadorismo do futebol japonês quando da chegada de Zico a Kashima, cidade que entrou no mapa dos brasileiros justamente por causa do Galinho, que virou ícone no país e ajudou a mudar a história da modalidade em toda a Ásia. *Zico, o Samurai de Quintino* é um documento de uma época do futebol, de uma transição do quase amadorismo para um dos maiores negócios do mundo. Para os flamenguistas, o retrato de uma era de ouro. Para os demais torcedores, vale como um importante relato sobre o esporte mais popular do país nas últimas cinco décadas.

Cena do filme *Zico, o Samurai de Quintino*